

Racismo Ambiental



EDITORIAL

EDITORES E REVISORES



Evandro Damasceno
Moraes



Lucio Ferreira

DESIGNER GRÁFICO



Andréia Esteves

TUTOR



Celson Silva

COLUNISTAS



Alexandre Andrade



Aline Farias



André Filgueira



Lucio Ferreira



Michelle Leão



Michelle Mathias



Rafael de Borba



@pet.gestaoambiental



programa.petconexoes@poa.ifrs.edu.br



Sala do PET - Torre Norte, 8º andar

Sumário

Espiada Mensal	03
Aconteceu	04
Matéria da capa	05
PET nos eventos	07
Observatório	08
Balbúrdia Ambiental	09
PETFLIX	10
ODS	11

PROJETO PET NA ESCOLA

POR MICHELLE LEÃO



No segundo semestre de 2024 o grupo PET iniciou o projeto de extensão em educação ambiental chamado PET na Escola, voltado para alunos do ensino médio e da educação de jovens e adultos (EJA) de colégios de ensino público, municipais e estaduais. O seu objetivo é aproximar as instituições para compartilhar e expandir o conhecimento, buscando integrar teoria e prática de forma a melhorar ambos os campos.

O vínculo educacional extensionista pode promover por meio das relações estabelecidas, dos conteúdos propostos e da construção de saberes interdisciplinares, o desenvolvimento social dos agentes envolvidos pela articulação do conhecimento científico aplicado às necessidades de cada grupo escolar.

Para a elaboração da atividade neste semestre, três escolas acolheram a proposta: Escola Estadual Inácio Montanha, Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET – Paulo Freire) e Escola Estadual de Ensino Médio Professor Alcides Cunha. Em reuniões com as respectivas coordenações pedagógicas, definiu-se pela realização de diferentes ações, de acordo com o objeto de maior interesse explicitado, sendo estas: cine debate sobre geração de resíduos e sustentabilidade, exposição sobre temáticas que valorizam a riqueza cultural e histórica dos povos originários do Brasil e palestra sobre a emergência climática.

O projeto pretende se tornar uma atividade anual do Programa de Educação Tutorial Conexões Gestão Ambiental do IFRS POA. Propõe-se utilizar a sustentabilidade ambiental como ideia principal para a explanação dos temas, contando com diferentes recursos

educativos, como o audiovisual e as artes visuais, seguidos de uma roda de conversa.

Como complemento da atividade, o grupo PET promoveu a vinda dos alunos ao IFRS POA para a MOSTRA POA 2024, em 17 de outubro. Eles fizeram uma visita guiada pelo Campus e participaram de oficinas oferecidas durante a MOSTRA.

Entende-se que a ação de extensão em educação ambiental, PET na Escola, tem o potencial de motivar e sensibilizar a comunidade escolar às temáticas relacionadas com a preservação ambiental. Através da compreensão de conceitos, do desenvolvimento de habilidades críticas e do estímulo ao espírito cooperativo, comprometido com o futuro do planeta, compreende-se melhor a importância da biodiversidade e as consequências de sua desvalorização para o meio socioambiental.



CICLO DE DEBATES

POR MICHELLE MATHIAS

Foi com imensa satisfação que atuei como curadora do IV Ciclo de Debates Socioambientais sobre Racismo Ambiental: e a inoperância do estado diante da crise climática no Brasil, realizado pelos discentes do Grupo PET Conexões Gestão Ambiental nos dias 23 e 30 de setembro de 2024. Esse evento trouxe uma importante reflexão sobre o conceito de racismo ambiental e justiça climática, fundamentais para entender como a crise climática afeta desigualmente as comunidades no Brasil.

A compreensão sobre racismo ambiental é essencial para os brasileiros, pois expõe as estruturas sociais que fazem com que os impactos ambientais recaiam de forma desproporcional sobre as populações negras, indígenas e periféricas. Ao abordar a inação governamental, o evento evidenciou a importância de um debate que integre justiça social e ambiental, reforçando que sem justiça climática não há equidade.

Com a participação dos palestrantes Alessandra Miranda, André Luiz Oliveira, André Filgueira e Ana Sanches, o evento enfatizou que a luta contra a crise climática é, também, uma luta pelos direitos humanos. Cada um dos convidados trouxe contribuições valiosas sobre a relação entre o estado e as comunidades impactadas, reforçando a necessidade de mudanças urgentes que protejam os mais vulneráveis e construam um futuro sustentável e justo para todos.

Os vídeos das transmissões estão disponíveis nos QR codes a seguir:

Parte 1



Parte 2



Matéria da capa

RACISMO AMBIENTAL:

apontamentos para compreensão da desigualdade sócio-espacial do contemporâneo, determinada pela etnicidade

POR ANDRÉ LUIZ DE SOUZA FILGUEIRA

Este texto dialoga com o artigo, de minha autoria, publicado no ano de 2021, dedicado à revisão de leitura em torno da categoria racismo ambiental. O racismo ambiental palmilha a partir do mato amassado por Martin Luther King. Trata-se de uma categoria social, cultivada nas lutas pelos direitos civis e ambientais, empunhada pela comunidade negra afro-norte-americana. Direitos estes reivindicados em reposta à realidade espacial flagrante, determinada pela invasão de fábricas, flertando com Caetano Veloso, pela força da grana que destrói espaços belos, em territórios negros. Robert Bullard é um dos primeiros intelectuais que empregou a categoria racismo ambiental para denúncia da desigualdade espacial nos EUA, na Ásia e na África. Contudo, este reteve suas reflexões apenas ao econômico e não à etnicidade negra.

Bullard enfatizou que para compreensão das assimetrias espaciais, a grupos socialmente marginalizados, como negros e indígenas, era necessário reter atenção para o capitalismo. Posto que o sistema econômico, guiado pela ideologia capitalista, é quem orienta a privação de direitos de cidadania, entre eles a posse democrática pela terra, protegida pelo Estado.

Tal como nos EUA, no Brasil não é diferente. Mas aqui, o racismo ambiental, é imposto a partir de outros arranjos e rearranjos sociais. Contudo, ainda sim imperioso. A amplitude de grupos atingidos pela ideologia é dilatada. Ribeirinhos e remanescentes quilombolas estão entre os dizimados socialmente.

À luz desse registro, o racismo ambiental também é interpretado por Selene Herculano e Tânia Pacheco como objeto de atenção da ecologia política, dedicado ao mapeamento dos focos de tensões, contradições e produção de desigualdades habitacionais, a partir do acesso e permanência espacial de grupos historicamente discriminados. Nesse sentido, o enfrentamento dessa ideologia está amparado na garantia das justiça ambiental e social.

As autoras, acima citadas, pontuam que o êxito no enfrentamento do racismo depende do diagnóstico de ações encabeçadas pelo Estado, contra grupos subalternos, por meio de legislação e políticas públicas que comprometem o bem viver sócio-espacial dessas coletividades.

É importante frisar também as várias incursões de resistências, protagonizadas por esses agrupamentos, frente ao genocídio orquestrado pelo Estado e pelas grandes corporações econômicas. No Brasil, lembra-se do quilombo de Palmares, da Cabanagem, dos abolicionismos negros, do Teatro Experimental do Negro, dos Afoxés, dos terreiros de candomblé, do samba de Tia Ciata, do Movimento Negro Unificado, da Marcha das Mulheres Negras e segue a ampla lista de insurgências em prol da isonomia ao espaço, pautada pela cor da pele. Se a exclusão e o genocídio são impostos para corporeidade retinta, é por meio dela, da corporeidade mesma, que se fará também à resistência territorial e ambiental.

¹ Ativista negro-gay, historiador, cientista social e analista literário. Docente de História da África e de História e Cultura Afro-Brasileira na Universidade Federal do Pará. Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, da Universidade de Brasília. E-mail: andrefilgueiraodara@gmail.com

²Cf. Filgueira (2021) p. 186-201.

Como novembro é o mês dedicado à coletividade negra, e como esta textualidade se destina primeiramente aos afro-diaspóricos do sul do Brasil, concluo este breve exercício de pensamento lembrando do poeta gaúcho Oliveira Silveira. Foi em novembro que, nos idos dos anos de 1970, ele disse não à memória colonial do treze de maio e retomou o vinte de novembro, fazendo ecoar a resistência ao segregacionismo étnico-ambiental e recuperando o passado negro, nascente no nordeste do país, com Zumbi e Dandara. Disparo os versos ogúnicos do poeta: “se Palmares não existe mais, faremos Palmares de novo”!

Referências

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Racismo Ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. *Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, v. 15, n. 2, ago/2021, p. 186 – 201



MOSTRAPOA

POR ALINE FARIAS

O Grupo PET (Programa de educação tutorial) participou da 24ª Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão do Campus Porto Alegre IFRS. O evento ocorreu nos dias 16 e 17 de outubro de 2024.

Os bolsistas apresentaram trabalhos em diversas áreas temáticas, dos 10 apresentados, 5 foram destaque. Os trabalhos apresentados foram:

➤ Projeto extensionista como proposta de sensibilização às temáticas ambientais na comunidade escolar.

➤ Emergências Climáticas: quais os impactos socioambientais do agronegócio?

➤ Linha do tempo da resistência indígena no Brasil e em Porto Alegre: da dispersão humana à atualidade reconhecimento, legitimidade e preservação.

➤ Revista digital PETNEWS.

➤ Curso sobre revitalização e montagem de coleções entomológicas didáticas.

➤ Exposição Povos indígenas em Destaque: informação, conscientização e reconhecimento

➤ Podcast Balbúrdia Ambiental como meio de difusão da discussão sobre o meio ambiente

➤ Projeto revitalização da Coleção Entomológica no CMET Paulo Freire

➤ O Pampa e o Bioma: um debate sobre os cuidados ecológicos no Rio Grande do Sul

➤ Vivência guarani: uma imersão cultural enriquecedora



Observatório RECONSTRUÇÃO DO IFRS

POR LÚCIO EDUARDO FERREIRA

Que tal matar a curiosidade e ficar por dentro das novidades na infraestrutura do nosso campus para 2025?

As aulas já retornaram, e você pode conferir de perto as melhorias realizadas. Após a enchente de maio deste ano, que causou estragos nos andares térreos das duas torres, conseguimos retomar as atividades acadêmicas com várias novidades.

Começando pelo espaço do Projeto Prelúdio, totalmente remodelado, com salas mais amplas, novo mobiliário, um piano novo, isolamento termo-acústico e revestimentos renovados, além de poltronas novas no auditório.

O arquivo, que estava no oitavo andar da Torre Sul, já foi realocado para o primeiro andar da mesma torre, onde as salas passaram por reformas e estão funcionando normalmente.

Na Torre Sul, o novo espaço de convivência foi reformado e agora oferece uma sala de jogos, uma sala de eventos, um sanitário família e um sanitário acessível, tornando-se um ambiente prático e aconchegante para os discentes.

Na Torre Norte, as reformas foram concluídas após o término das aulas em dezembro. O térreo foi severamente afetado pela água, que chegou a 1,07m no átrio. Por isso, foi necessário um intenso trabalho de limpeza e reforma. A nova recepção e o átrio já estão prontos, assim como os elevadores, que passaram por recuperação. O auditório Professor Doutor Rui Manuel Cruse ainda está em processo de restauração, com previsão de conclusão para os próximos meses.

Uma novidade que está por vir é a implementação do sistema de controle de acesso por reconhecimento facial, ainda em fase de contratação, mas que promete trazer mais segurança e praticidade.

Com todas essas melhorias, nosso campus está mais moderno e acolhedor, pronto para proporcionar uma excelente experiência acadêmica. Agora que estamos de volta, convidamos você a participar das atividades do grêmio estudantil e do DCE.

Aproveite os novos espaços e faça parte dessa nova fase!!!



HABITAÇÃO

POR ALEXANDRE ANDRADE

Neste episódio, os Petianos Igor Murillo, Alexandre Andrade, Michelle Leão e Evandro Damasceno, receberam o Fernando Campos Costa, representando a Coordenação Nacional do MTST e a Coordenação das Cozinhas Solidárias do MTST, o Tema escolhido foi Habitação, referente ao Dia Nacional da Habitação (21 de agosto). Uma reflexão sobre os desafios de Porto Alegre quanto à habitação e mudanças climáticas.

Durante as cheias de maio, muitas pessoas perderam tudo, desde suas casas até seus pertences pessoais mais básicos, ficando em situação de extrema vulnerabilidade. As Cozinhas Solidárias do MTST desempenharam um papel fundamental nesse momento, atuando de forma emergencial para prestar auxílio às famílias desabrigadas. Nesse contexto, Fernando destacou a importância dos movimentos sociais organizados na luta pelos direitos constitucionais, refletindo o lema "TETO, TRABALHO E PÃO", que simboliza um compromisso mais amplo com a dignidade e a sobrevivência.

A gravação foi realizada na sede do MTST, na Azenha, em Porto Alegre, Havia grande movimentação na entrada da sede, com pessoas carregando e descarregando materiais e marmitas para viagem, enquanto outros pediam água ou buscavam usar o banheiro. Esse fluxo dinâmico refletia o compromisso do MTST com o atendimento às demandas da comunidade.

Antes de começarmos as gravações, participamos do processo de montagem das marmitas, seguindo todas as orientações de higiene e segurança: usamos EPIs como luvas, máscaras e toucas. Esse envolvimento prévio nos integrou ao espírito colaborativo que move a Cozinha Solidária, uma iniciativa que não apenas distribui refeições, mas representa a luta do MTST por dignidade e apoio às pessoas que mais precisam.



PETFLIX

POR RAFAEL DE BORBA



Filmes



Séries



Documentários

The Condor and The Eagle

2019 | 1h22 | Documentário | MUBI

No IV Ciclo de Debates do PET Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre, tivemos a oportunidade de refletir sobre um dos temas mais urgentes do nosso tempo através deste documentário impactante. Ele narra a luta de quatro líderes indígenas das Américas, do Norte ao Sul, contra os efeitos devastadores da indústria petrolífera em seus territórios e culturas.

Este filme mergulha no tema do racismo ambiental, expondo como as comunidades indígenas são desproporcionalmente atingidas pela exploração de recursos naturais. A devastação ameaça não apenas suas terras, mas também tradições e modos de vida que resistem há gerações. O documentário nos convida a enxergar a crise ambiental como uma questão de justiça, enfatizando a conexão entre a proteção do meio ambiente e o respeito aos povos originários.

Mais do que uma denúncia, "The Condor and The Eagle" inspira ação e solidariedade, apresentando a resistência desses líderes como um chamado à união global por um futuro mais justo e sustentável.

Não perca a chance de assistir a essa obra transformadora e aprofundar-se no debate sobre a preservação ambiental e os direitos dos povos indígenas!



OBJETIVO 13 - AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA

POR ALEXANDRE ANDRADE

Os eventos climáticos extremos que ocorreram no Rio Grande do Sul em 2024, como as enchentes em maio e as secas severas em outras regiões, são exemplos claros dos impactos crescentes das mudanças climáticas. Essas crises geraram perdas humanas, destruição de infraestrutura, prejuízos econômicos e danos ambientais significativos. Enquanto as enchentes devastaram comunidades inteiras, interrompendo a rotina e causando deslocamentos, as secas prolongadas reduziram drasticamente a produção agrícola, comprometendo o abastecimento de água e aumentando a vulnerabilidade das populações rurais. Esses fenômenos destacam a urgência de adotar medidas alinhadas ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 13, que busca combater a mudança climática e seus impactos. Além disso, mostram como os desastres climáticos afetam outros ODS, como o ODS 2 (fome zero e agricultura sustentável), devido às perdas agrícolas, e o ODS 11 (cidades e comunidades sustentáveis), que demanda maior resiliência para os assentamentos humanos.

Para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e reduzir os riscos futuros, é necessário implementar estratégias que combinem mitigação e adaptação. A mitigação foca na redução das emissões de gases de efeito estufa, no reflorestamento e na adoção de práticas agrícolas sustentáveis que conservem recursos e reduzam o desmatamento. Já a adaptação envolve a construção de infraestruturas climáticas, como reservatórios para armazenamento de água e sistemas de drenagem eficientes, além de políticas integradas para

gerir os recursos hídricos de forma equilibrada. Tecnologias agrícolas resilientes, como cultivos adaptados à seca e sistemas de irrigação que economizem água, são essenciais, assim como a capacitação das comunidades para lidar com riscos climáticos e implementar planos de emergência. Esses esforços não só protegem as populações, mas também fortalecem a resiliência dos ecossistemas e promovem um desenvolvimento mais sustentável.

Os eventos extremos vivenciados pelo Rio Grande do Sul são um alerta claro sobre a necessidade de ações concretas e coordenadas para enfrentar os desafios climáticos. Combater as enchentes e secas exige investimentos significativos em políticas públicas eficazes, infraestrutura resiliente e conscientização da população. Ao priorizar o ODS 13 e suas conexões com outros objetivos globais, será possível reduzir vulnerabilidades, preservar ecossistemas e proteger comunidades. A integração de esforços locais e globais é fundamental para evitar que crises como essas se tornem ainda mais frequentes e severas no futuro, garantindo a sustentabilidade ambiental e o bem-estar das futuras gerações.

DESCUBRA MAIS

